

O contrário de casa grande não é senzala. É quilombo! A categoria práxis negra no pensamento social de Clóvis Moura

Ana Paula Procópio¹

Resumo

O presente trabalho apresenta os resultados da pesquisa sobre o pensamento social do sociólogo e historiador Clóvis Moura (1925-2003) cuja trajetória pessoal e política articula-se aos seus esforços metodológicos para demonstrar a dinâmica da história em termos das suas forças sociais e assim contribuir para a transformação da sociedade. Identifica e analisa a apropriação do método dialético e da teoria marxista no desenvolvimento de suas teses sobre as resistências negras no escravismo e pós-abolição como estruturantes da dinâmica entre relações raciais e classes sociais no Brasil. E aponta que as mediações realizadas a partir das categorias totalidade, modo de produção, dialética, alienação, contradição e práxis derivaram em uma categoria nova que abrange as particularidades sócio-históricas brasileiras, a *práxis negra*.

Palavras-Chave: Classes sociais; Clóvis Moura; Escravidão; Marxismo; Relações raciais.

The opposite of big house is not senzala. It's a quilombo! The category black praxis in social thought of Clóvis Moura

Abstract

The present work presents the results of the research on the social thought of the sociologist and historian Clóvis Moura (1925-2003) whose personal and political trajectory articulates with his methodological efforts to demonstrate the dynamics of history in terms of its social forces and thus contribute for the transformation of society. It identifies and analyzes the appropriation of the dialectical method and the Marxist theory in the development of its theses on the black resistances in slavery and post-abolition as structuring of the dynamics between race relations and social classes in Brazil. And he points out that the mediations carried out from the categories totality, mode of production, dialectic, alienation, contradiction and praxis have derived in a new category that covers the Brazilian socio-historical particularities, the black praxis.

Keywords: Social classes; Clóvis Moura; Slavery; Marxism; Race relations.

El contrario de casa grande no es senzala. ¿Es quilombo! La categoría praxis negra en el pensamiento social de Clóvis Moura

Resumen

El presente trabajo presenta los resultados de la investigación sobre el pensamiento social del sociólogo e historiador Clóvis Moura (1925-2003) cuya trayectoria personal y política se articula a sus esfuerzos metodológicos para demostrar la dinámica de la historia en términos de sus fuerzas sociales y así contribuir para la transformación de la sociedad. Identifica y analiza la apropiación del método dialéctico y de la teoría marxista en el desarrollo de sus tesis sobre las resistencias negras en el esclavismo y post-abolición como estructurantes de la dinámica entre relaciones raciales y clases sociales en Brasil. Y señala que las mediaciones realizadas a partir de las categorías totalidad, modo de

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

producción, dialéctica, alienación, contradicción y praxis derivaron en una categoría nueva que abarca las particularidades sociohistóricas brasileñas, la praxis negra.

Palabras clave: Clases sociales; Clóvis Moura; la esclavitud; El marxismo; Relaciones raciales.

Introdução

O presente artigo apresenta os resultados das pesquisas realizadas para a produção da tese de doutorado defendida em 2017, sob a orientação do Prof. Dr. Mauro Luis Iasi, no Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro: *O contrário de “casa grande” não é senzala. É quilombo! A categoria práxis negra no pensamento social de Clóvis Moura* que teve como objetivo identificar e analisar no pensamento do sociólogo e historiador Clóvis Moura (1925-2003) a apropriação do método dialético e da teoria marxista no desenvolvimento de suas proposições sobre as resistências negras durante o escravismo e no pós-abolição, pensadas como estruturantes da dinâmica entre relações raciais e classes sociais no Brasil. O trabalho investigativo buscou ainda demonstrar a hipótese de que as mediações efetuadas por Moura a partir das categorias totalidade, modo de produção, dialética, alienação, contradição e práxis derivaram na construção de uma categoria de análise nova, capaz de abranger as particularidades da formação sócio-histórica brasileira, a *práxis negra*.

Nossos objetivos de pesquisa se completam articulados a outro, o combate ao racismo², na sua forma específica de naturalização da vida social. E acreditamos que a politização do enfrentamento ao racismo requer a sua contextualização como questão racial nas relações sociais e a construção de conhecimentos que desvendem criticamente suas origens históricas.

Conhecer a realidade, explicar os fenômenos que rodeiam as ações cotidianas, entender o lugar dos sujeitos na organização das sociedades e identificar os mecanismos de poder, controle e reprodução presentes nas relações sociais são alguns dos aspectos da existência humana para os quais a ciência constrói explicações. Por outro lado, o campo

² De acordo com a definição de Munanga (2003, p.25), com que temos acordo: “[...]. Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre raça e racismo, este seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas os suportes das características psicológicas, morais e intelectuais e estéticas que se situam numa escala de valores desiguais. [...]. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça, em sua concepção é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos etc. que ele considera naturalmente inferiores aos do grupo ao qual ele pertence.”

científico possui uma normatividade “com uma linguagem fundamentada em conceitos, métodos e técnicas para compreensão do mundo, das coisas, dos fenômenos, dos processos e das relações”, que é “utilizada de forma coerente, controlada e instituída por uma comunidade que a controla e administra sua reprodução” (Minayo, 2008, p.10).

Uma pesquisa científica é regida por teorias, métodos e princípios para atingir seus objetivos, mas ao mesmo tempo precisa inventar caminhos próprios e redirecionar propósitos. E no particular das ciências sociais alguns critérios distintivos precisam ser aceitos pelo pesquisador em relação a si próprio e ao objeto.

A metodologia expressa o caminho do pensamento, se materializa como prática exercida na abordagem da realidade e abrange simultaneamente o método, as técnicas e a criatividade do pesquisador. Sua centralidade se manifesta na conexão entre o uso dos instrumentos de operacionalização do conhecimento e o sentido dos conceitos que fundamentam as indagações e hipóteses da pesquisa. “Na verdade, a metodologia é muito mais do que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e como os pensamentos sobre a realidade” (Minayo, 2008, p. 15). É a forma discursiva que apresenta o método que será a lente, a visão de mundo que enquadra a pesquisa. Existem diferentes modos de entender a realidade e diferentes posições metodológicas para expor a construção do objeto e da dinâmica de investigação.

O método dialético, norteador dos processos de investigação e análise realizados foi adotado por, em nosso entendimento, promover as condições para apreender as dimensões materiais, políticas e filosóficas do objeto de estudo vinculadas ao seu conteúdo histórico concreto, ou seja, considerando como categorias analíticas a totalidade, a contradição e o conflito, o ‘devir’, o movimento histórico e a unidade do diverso. Isso porque a realidade concreta não é uma matéria estática, mas uma totalidade contraditória composta por elementos diferenciados em constante interação e fricção, na qual o conflito faz avançar processos históricos de transformações progressivas e constantes.

A pesquisa de fontes bibliográficas manteve em seu desenho metodológico um caráter de aproximações sucessivas não lineares com a realidade e uma flexibilidade na apreensão dos dados no sentido de garantir o movimento dialético no qual o objeto estudo pudesse ser constantemente revisto, pois “a realidade social dinâmica, contraditória,

histórica e ontológica implica na utilização de procedimentos metodológicos que consigam engendrar todos esses pressupostos com a mesma intensidade como se apresentam quando estão em relação” (MIOTO; LIMA, 2007, p. 40).

Assim, o pensamento social de Clóvis Moura, como um objeto construído foi sendo abordado como uma “versão do real a partir de uma leitura orientada por conceitos operadores”, e de “um processo de objetivação teórico-conceitual de certos aspectos ou relações existentes no real” (MINAYO, 2008, p. 33).

A interrogação primária a respeito do tema foi sobre a relação do pensamento de Clóvis Moura com o método e as teses marxianas e com tradição marxista. Relação que ficou evidente nas leituras de reconhecimento do material bibliográfico, notadamente nas referências utilizadas pelo autor. Desse modo, nos propomos a fazer uma análise em termos do tipo de apropriação do método dialético, das categorias, das teses marxianas abordadas e das fontes de tradição marxista nas obras selecionadas.

Nesta direção, configuramos como objetivo da pesquisa: identificar e analisar na produção intelectual de Clóvis Moura a apropriação do método dialético e da teoria marxista no desenvolvimento de suas teses sobre as resistências negras durante o escravismo e no pós-abolição como estruturantes da dinâmica entre relações raciais e classes sociais no Brasil.

Nas leituras seletivas notamos que a evidenciação das resistências negras coloca o negro como sujeito político na história da formação social brasileira, constituindo o que Oliveira (2009; 2011; 2016) chama de uma *práxis negra* que tem origem nos períodos da colônia e do império e desdobramentos no pós-abolição e república.

A tradução do marxismo a partir da perspectiva do negro, no pensamento mouriano, tem como categoria-chave a noção de *práxis*. É a *práxis* – considerada como ação de rebeldia e resistência violenta ao escravismo – que confere ao negro um caráter e, por sua vez, torna-o sujeito. (OLIVEIRA, 2011, p. 50)

Por isso, investigamos a hipótese de que as mediações realizadas por Moura a partir das categorias totalidade, modo de produção, dialética, alienação, contradição e *práxis* derivaram na construção de uma categoria nova, capaz de abranger as particularidades da formação sócio-histórica brasileira, a *práxis negra*.

Em relação às fontes de pesquisa tomamos como tarefa inicial a revisão da literatura do próprio Clóvis Moura. E devido ao grande número de livros (33) e artigos (59) encontrados definimos parâmetros para orientar a seleção dos materiais.

O primeiro foi o parâmetro temático, ou seja, delimitamos os estudos aos documentos diretamente relacionados com os temas abordados na pesquisa: teoria marxista, método dialético, categorias marxistas e raças e classes sociais.

O segundo foi a delimitação das fontes no formato de livros, pois entendemos que sendo os artigos obras mais breves, por mais expressivos que sejam no conjunto das produções do autor, os necessários recortes na abordagem aos problemas poderiam prejudicar uma análise que pretende compreender o movimento de construção do seu pensamento social. No caso dos livros os aspectos pontuais e contextuais das temáticas costumam ser expostos de forma ampliada e denotam a conclusão de ciclos de pesquisa na trajetória intelectual do autor.

Na particularidade de nossa pesquisa consideramos que a análise de livros de um mesmo autor em diferentes temporalidades requer investigar o que cada obra representa na sua trajetória e como dialogam (ou não) entre si e com outros autores relevantes ao tema. A relação com o campo de estudos das relações raciais e quais as contribuições inéditas ao tema abordado.

O parâmetro cronológico estabeleceu como marco inicial o ano de 1959 quando foi publicado seu primeiro livro *Rebeliões da senzala* – até a última publicação em vida, em 2001. Por fim, como parâmetro linguístico delimitamos o universo da pesquisa aos documentos em língua portuguesa.

A partir da definição dos parâmetros e da seleção dos documentos elaboramos um roteiro para análise³ dos documentos que foi aplicado ao universo analítico composto por cinco livros publicados em diferentes períodos: *Rebeliões da senzala* (1959; 4ª ed., 1988), *O negro, de bom escravo à mau cidadão?* (1977), *A sociologia posta em questão* (1978), *Sociologia do negro brasileiro* (1988), *Dialética radical do Brasil negro* (1994).⁴

³ Itens do roteiro: A) Identificação e caracterização da obra; B) Contribuição da obra para o estudo; C) Síntese analítica: considerações a partir do referencial teórico da pesquisa e dos dados coletados; verificação crítica dos objetivos e hipóteses propostos.

⁴ Considerando a extensão da produção de Moura, esta opção metodológica apresenta limites, pois a maior parte de suas obras não foi mobilizada na nossa análise direta, apesar de serem referidas indiretamente. Contudo, entendemos que a lacuna é sanada pela própria coerência do curso das reflexões do autor que vistas no conjunto constituem um pensamento não disruptivo em seu conteúdo.

Cabe destacar que em todas as obras identificamos e sistematizamos os autores marxistas. Utilizamos como critérios não necessariamente coincidentes a produção intelectual, o caráter da obra e no caso de alguns autores o pertencimento ao Partido Comunista Brasileiro - PCB ou ao Partido Comunista do Brasil – PC do B.

Vida e obra do autor⁵

Clóvis Steiger de Assis Moura nasceu, em 1925, na cidade de Amarante, no Piauí. Sua mãe, Elvira, era neta de Ferdinand von Steiger-Münssingen, cidadão suíço, barão do império prussiano e no Brasil proprietário de escravos; seu pai, Francisco de Assis, era maranhense de São Luís, negro, neto de escravizados, e ao longo da vida exerceu a atividade de fiscal de rendas.

Oliveira (2009) atenta para dimensões importantes das origens de Moura, como por exemplo, a condição de classe média de sua família e sua caracterização nordestina e miscigenada como fatores que contribuíram para a formatação de suas posições políticas e intelectuais. E na medida em que foi exposto desde cedo aos aspectos contraditórios da mestiçagem no país, a elaboração de uma percepção própria das desigualdades raciais se entrelaça com os aspectos econômicos, políticos e culturais tematizados em seus escritos.

Em 1942, muda-se com a família para Salvador, Bahia e começa a participar de um círculo de intelectuais e militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que realizava encontros para discutir literatura e política. É a partir desta incursão que ingressa na carreira jornalística escrevendo para o jornal do partido, *O Momento* (1945-1957). E se aprofunda nas teorias marxistas e nas orientações da III e da IV Internacionais.

É na segunda metade dos anos 1940 que aparece de forma mais sistemática o interesse de Clóvis Moura pela questão negra. E nos anos 1950 se muda para São Paulo e fica próximo da intelectualidade paulistana através do PCB e do jornalismo. Neste período destaca-se a sua relação com o grupo ligado a Caio Prado Júnior, em torno da Revista Brasiliense.

Entre 1942 e 1955 foi secretário de redação da revista Fundamentos que era apresentada como o órgão de imprensa oficial do PCB. E também colaborava com a

⁵ Entendendo que o objeto da tese não implicaria para nós uma pesquisa biográfica própria, consideramos pertinente o uso do qualificado trabalho de investigação e sistematização realizado por outros colegas pesquisadores. Assim, as informações sobre os acontecimentos da vida familiar e política de Clóvis Moura foram coligidas das seguintes dissertações: MESQUITA, É. Clóvis Moura: uma visão crítica da história social brasileira (UNICAMP, 2002); OLIVEIRA, F.N. de. Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra (UFF, 2009)

revista *Brasiliense* (nestes artigos estão presentes alguns elementos que serão desenvolvidos em *Rebeliões da Senzala*) que agregava os intelectuais nacionalistas e/ou ligados ao movimento cultural paulistano articulados diretamente a Caio Prado Jr.

Em 1962 ingressou na dissidência que formou o Partido Comunista do Brasil (PC do B), liderada por Pedro Pomar e João Amazonas. E apesar da repressão da ditadura instaurada em 1964, Clóvis manteve, na clandestinidade, a colaboração com o PC do B. Profissionalmente, atuou entre 1960 e 1969, como subsecretário de redação e crítico literário do *Correio Paulistano*. Nos anos 1969-1972, tornou-se diretor do *Jornal Folha de São Carlos* no interior paulista. Período que marcou a sua aproximação com o movimento negro através de sua participação no Centro Recreativo e Cultural Flor de Maio.

Nos anos de 1970 iniciou um ciclo de viagens internacionais na condição de pesquisador negro: Colóquio *Negritude e América Latina* (1974, Dakar); 20º Encontro da LASA – Latin American Studies Association e o 7º Encontro da ASA – African Studies Association (Houston, Estados Unidos, 1977), que ampliaram a sua circulação intelectual.

A fundação em 1975 do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas- IBEA⁶ demonstra o aprofundamento da reivindicação de sua condição como intelectual negro. É um projeto que engrossa as pesquisas de valorização da cultura negra africana, a crítica e denúncia do mito da democracia racial e as ações de engajamento e mobilização políticas praticadas por uma geração de ativistas do movimento negro em ação nos anos 1970 e 1980, como Hamilton Cardoso (1954-1999), Maria Beatriz Nascimento (1942-1995), Lélia Gonzalez (1935-1994) e Eduardo de Oliveira e Oliveira (1924-1980).

Na década de 1980 Clóvis recebeu o título de Doutor Notório Saber, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, o que permitiu sua atuação como examinador diversas bancas de mestrado e doutorado. Até sua morte em 2003, publicou dezenas de livros e artigos – a grande maioria sobre a resistência negra ao escravismo. Concomitante à sua articulação com o Movimento Negro Unificado, nos anos 1990 se articulou à UNEGRO (União dos Negros Pela Igualdade) além de manter-se como colaborador e simpatizante do PC do B. Na década seguinte se aproximou do Movimento dos Sem Terra (MST) e publicou em 2000, pela Editora

⁶ Para mais informações sobre o IBEA, cf. VIEIRA, Cleber Santos. Clóvis Moura e a fundação do IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 9, n. 22, p. 349-368, jun. 2017. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/252>>.

Expressão Popular, o livro *Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos*. Seu último trabalho o *Dicionário da Escravidão Negra* foi publicado postumamente, em 2004.

Sobre as obras analisadas

Rebeliões da Senzala (1959) foi publicado pela Editora Zumbi criada por Clóvis Moura com esta finalidade. Trata do significado das diversas formas de protesto escravo que ocorreram durante a vigência da escravidão⁷ no Brasil. Apresenta uma crítica histórico-sociológica aos estudos que identificavam a luta dos escravos negros como secundárias (ou até mesmo inexistentes), sem consequências mais amplas para a sociedade reduzindo o conflito social a um choque cultural e a escravidão transformada em um pano de fundo estático.

Tirava-se com isto, o conteúdo que produzia o dinamismo interno desses movimentos, elidia-se a contradição fundamental que os produzia - a luta de classes no sistema escravista - para reduzi-los a um mero jogo de choques entre os padrões, traços e complexos culturais que os negros trouxeram da África e os da cultura ocidental que os recebeu. Essa posição teórica e sua continuação metodológica levavam a que sempre se procurasse uma interpretação culturalista para o conflito social que se desenvolvia em consequência das contradições do sistema escravista que se formara no Brasil. (MOURA, 1988, p. 9)

É uma obra que incorpora na historiografia brasileira o negro⁸ como sujeito político subvertendo o padrão de despersonalização presente na figura do “escravo”, tal como são identificados os africanos e descendentes escravizados em obras de autores com diferentes posicionamentos teórico-metodológicos. Ao longo do livro, articula os dados históricos com uma análise sociológica que é apresentada metodologicamente como ferramenta de conhecimento e transformação e como crítica ao academicismo e ao formalismo da sociologia brasileira. E completa o quadro dinâmico com as

⁷ No *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil* publicado após sua morte, sistematiza o verbete Escravidão moderna como um sistema que “[...]. A escravidão moderna expandiu-se nas colônias da Inglaterra, Portugal, Espanha, Holanda, França etc. tendo como elemento escravo os filhos do continente africano. Calcula-se [...] que cerca de dez milhões de africanos foram trazidos a partir do século XV, quando através das Cruzadas, a Europa, inicialmente, e os territórios coloniais, em seguida, foram inundados de “infiéis”, no primeiro caso, e de “bárbaros”, no segundo. No entanto, a presença de escravos na Europa não configurou ali um modo de produção escravista, fato que se iria verificar em suas colônias, através de mecanismos impostos pelas metrópoles e de códigos negros ou outros tipos de leis. [...]” (MOURA, 2013, p. 150).

⁸ O termo negro é utilizado por Moura em vários trechos das obras consultadas ora para referir-se aos escravizados e aos quilombolas, ora para descrever as populações negras no pós-abolição. Em nosso trabalho o termo está referido à designação oficial brasileira contemporânea que caracteriza como negros para fins demográficos o conjunto de pretos e pardos na sociedade. Também o empregamos o como categoria social historicamente construída que demarca classificações hierárquicas na sociedade moderna. Compartilhamos da visão de Aimé Césaire, em *Discurso sobre o colonialismo*: “Falo de milhões de homens em quem deliberadamente inculcaram o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, a prostração, o desespero, o servilismo” (apud FANON, 2008, p. 25).

transformações econômicas, políticas e sociais do país, a organização dos movimentos negros e sua preponderância como referências e fonte de saberes.

Consideramos que Moura realiza um duplo movimento: a ruptura com os estudos culturalistas sobre o negro no Brasil a partir da teoria marxista e a crítica radical à sociologia academicista pela apreensão da perspectiva de totalidade que compreende a práxis como um complexo que articula teoria e prática política. E também confronta a tradição marxista ao colocar a noção de resistência negra como práxis em primeiro plano nas discussões sobre classes e estrutura de produção, sem, porém, desarticular essas dimensões.

[...], foi o quilombola, o negro fugido nas suas variadas formas de comportamento, isto é, o escravo que se negava, que se transformou em uma das forças que dinamizaram a passagem da escravidão para o trabalho livre. O escravo visto na perspectiva de um devir (MOURA, 1988, p. 34).

Em *O negro, de bom escravo a mau cidadão?* (1977) demonstra que a não absorção do negro como força de trabalho no sistema produtivo pós-abolição deu-se a partir de um processo iniciado décadas antes de 1888.

Por ser o ex-escravo considerado excedente no novo campo de oportunidades que se abria, não houve nenhuma política de readaptação, integração ou assimilação dele ao sistema que se criava. Quando surgiu o trabalho assalariado no Brasil, como forma de produção, o ex-escravo, que até antes da abolição se encontrava no seu centro, recebeu imediatamente, o impacto oriundo de outra corrente populacional que vinha para o Brasil vender a sua força de trabalho: o imigrante. Esse fluxo migratório, ao entrar no mercado de trabalho deslocava o ex-escravo do centro do sistema de produção para a sua periferia, criando as premissas econômicas da sua marginalização. (MOURA, 1977, p.30)

Em *A sociologia posta em questão* (1978) são discutidas as razões sociais do aparecimento da sociologia. A correlação da sociologia com a ideologia desenvolvimentista é apontada criticamente e a dialética é indicada como o contraponto metodológico para uma sociologia da práxis.

Na trajetória do seu pensamento tais reflexões podem ser entendidas como o arcabouço teórico-metodológico para as proposições de *Sociologia do negro brasileiro* (1988), ou seja, a construção de uma sociologia capaz de enfrentar - como ferramenta da prática social - o problema racial e social brasileiro.

O método histórico-dialético é apropriado por Moura com ênfase na sua dimensão dinâmica, o que amplia a percepção dos aspectos da realidade investigados, como por exemplo, operários e escravos em lutas paralelas, na fase de escravismo tardio (pós 1850).

É uma ideia de pesquisa para a qual ele orienta a realização de “levantamento dos movimentos dos trabalhadores livres no período escravista e as possíveis convergências ou divergências com as lutas dos escravos” (MOURA, 1988a, p. 246).⁹

Identificamos então um caminho de pensamento cujas ideias encontram-se sintetizadas na *Dialética radical do negro brasileiro* (1994). Neste livro Moura apresenta um acabamento e uma qualificação dos dados que sustentam a sua tese sobre a organização do modo de produção escravista no longo período de sua vigência, a periodização do sistema em escravismo pleno e escravismo tardio.

O escravismo pleno definido como o período em que a escravidão era uma instituição sólida e apenas os escravos se rebelavam contra sua estrutura. E o escravismo tardio, demarcado pela proibição do tráfico de escravos no país (Lei Eusébio de Queiroz, 1850), como a fase em que vários outros setores, por motivos diversos, também passaram a demandar do Estado o fim da escravidão. Nesta última está localizada a origem das estratégias de dominação que ressignificadas perduraram no pós-abolição, dando a forma contemporânea das particularidades do racismo brasileiro.

O conjunto das produções de Clóvis Moura são o resultado de *pesquisas de uma vida inteira*. Retratam o movimento de um intelectual que se propôs a ir nas origens para pensar a realidade brasileira atual e as estratégias de transformação a serem construídas pelos indivíduos sociais nos espaços coletivos. Ao mesmo tempo construiu um arcabouço de fundamentos sobre a práxis, ou seja, a radicalização do significado político do negro na sociedade brasileira.

Nesse sentido, consideramos que sua produção se destaca como uma importante contribuição para o debate das relações raciais contemporâneas, e além, como um pensamento para entender o Brasil. Particularmente no momento atual com o acirramento do conservadorismo em um país de relações sociais historicamente construídas sob o racismo em variadas dimensões de discriminação.

Considerações finais

Em relação aos objetivos consideramos que a pesquisa identificou o método dialético e a teoria marxista nas obras de Clovis Moura como uma apropriação que não sai do campo epistemológico ocidental, mas rompe com o paradigma eurocêntrico como

⁹ Sobre pesquisas realizadas nesta direção investigativa, cf. MATTOS, Marcelo Badaró. **Escravidos e livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.

modelo de análise do desenvolvimento social e econômico do Brasil. Neste sentido, seu pensamento está nitidamente inscrito no debate sobre cientificidade, marxismo e teoria do conhecimento, porém esta vinculação não é limitadora de sua criatividade teórica e nem o impediu de tratar as expressões subjetivas das relações sociais, especialmente a inter-relação entre história, ideologia e práxis.

A expansão da premissa teórica marxista fundamental, o conflito de classes como categoria analítica da sociedade escravista propiciou o reconhecimento da luta escrava e sua importância histórica. Porém, o resgate e a sistematização dessas resistências se configuram como basilares para a compreensão da dinâmica da sociedade brasileira nos dias de hoje. Isso porque esse pensamento não está reduzido aos estudos de um segmento apartado da sociedade em geral. Ao contrário, trata-se da análise dos mecanismos que vincaram a sociedade brasileira em seus aspectos mais fundamentais e persistentes.

As rebeliões negras formataram um dos termos de antinomia desta sociedade, contra a qual todo um violento aparato repressivo ideológico, jurídico e policial foi montado no período escravista e permanece na atualidade. Na contemporaneidade os negros continuam sendo o segmento prioritário sobre o qual incidem ações policiais com morte¹⁰. Os territórios periféricos com maior contingente de moradores negros, além de serem os que apresentam os menores índices de desenvolvimento humano, também são os que mais sofrem incursões violentas da polícia.

Deste modo, afirmamos que o fim da escravidão não proporcionou para as populações negras, particularmente aquelas moradoras de territórios de favela e comunidades pauperizadas as garantias de um “estado democrático de direito”, especialmente o direito à inviolabilidade das suas casas e sobretudo de seus corpos.

Em vista disso concordamos que, “[...], o racismo não é apenas um problema ético, uma categoria jurídica ou um dado psicológico. Racismo é uma relação social, que se estrutura política e economicamente” (ALMEIDA, 2016, p. 23). O racismo é uma forma de compreensão do modo de funcionamento da sociedade e um dos agentes expressivos na manutenção das relações de exploração de classe. Refere-se à estrutura da sociedade tendo significado material na vida dos sujeitos, mas também atuando na produção de suas

¹⁰ Conforme as análises publicadas no Atlas da Violência 2017, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. No Rio de Janeiro os negros respondem por 78,9% dos indivíduos pertencentes ao grupo dos 10% com mais chances de serem vítimas fatais. Em todas as Unidades da Federação, com exceção do Paraná, os negros com idade entre 12 e 29 anos apresentavam mais risco de exposição à violência que os brancos na mesma faixa etária. Enquanto a mortalidade de não-negras (brancas, amarelas e indígenas) caiu 7,4% entre 2005 e 2015, entre as mulheres negras o índice subiu 22%. (p. 31)

subjetividades. Isso significa que a reprodução das condições de desigualdades raciais ocorre em todos os contextos da vida social.

Portanto, a luta antirracista demanda um enfrentamento ideológico que tem como mote a identificação do Brasil como um país institucionalmente racista. Isso significa ultrapassar paradigmas conservadores, cujo discurso centrado na igualdade de oportunidades e no mérito individual procura refutar os dados da realidade e reduzir recursos públicos para intervenções de combate às desigualdades raciais.

Foi a memória da revolta que Moura pesquisou, sistematizou e divulgou como um disparador da rebeldia potencial que todos nós trabalhadores explorados carregamos. Uma rebeldia negra, uma práxis forjada por mais de quinhentos anos de violência e opressão. Não exclusivamente por homens e mulheres de pele preta, mas tendo como fundamento a resistência negra original de fuga, insurreições e aquilombamentos em que também participaram os indígenas e os brancos pauperizados.

Gonzalez (1984) nos traz duas noções importantes para caracterizar o significado da opção política de Moura: consciência e memória.

Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. (GONZALEZ, 1984, p. 226)

O jogo dialético entre consciência e memória configura uma disputa permanente pela primazia da verdade histórica. No caso brasileiro uma verdade que tem a suavização da escravidão, o suposto apassivamento dos escravizados e democracia racial como discursos dominantes.

A brutalidade do modo de produção escravista foi o chão, a base concreta para a idealização da fuga, do movimento teleológico de planejar uma vida em liberdade. É esta ação de não se deixar morrer na senzala que configura a noção de práxis desenvolvida por Moura como práxis negra, uma categoria construída historicamente para apreender a formação da sociedade brasileira e as possibilidades de emancipação que se encontram nela, como uma memória capaz de promover a consciência.

Referências

- ALMEIDA, S. L. de. Apresentação. Dossiê: Marxismo e questão racial. São Paulo: Boitempo, 2016
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1984, p. 223-244. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/247561/mod_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf. Acesso em: 20/01/2016.
- IPEA. Atlas da Violência 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>. Acesso em 03/03/2018.
- MATTOS, M. B. **Escravidados e livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.
- MESQUITA, É. **Clóvis Moura: uma visão crítica da história social brasileira**. Campinas: IFCH/UNICAMP (Dissertação de mestrado em Sociologia), 2002.
- MIOTO, R. C. T.; LIMA, T. C. S. de. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. In: Rev. Katálysis. Florianópolis, v. 10 n. esp. 2007. p. 37-45.
- MINAYO, M.C.de S. (org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 27 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MOURA, C. **Rebeliões da senzala**. São Paulo: Zumbi, 1959.
- _____. **O negro, de bom escravo à mau cidadão?** Rio de Janeiro: Conquista, 1977.
- _____. **A sociologia posta em questão**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
- _____. **Rebeliões da senzala**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- _____. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988a.
- _____. **Dialética radical do Brasil negro**. Anita: São Paulo, 1994.
- _____. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. 1. reimpressão. São Paulo: Edusp, 2013.
- MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: Cadernos PENESB nº 5, 2003.
- OLIVEIRA, F. N. de. **Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, Universidade Federal Fluminense, 2009.

_____. Modernidade, política e práxis negra no pensamento de Clóvis Moura. Plural (São Paulo. Online), v. 18, n. 1, p. 45-64, Jan. 2011.

_____. **Clóvis Moura**: trajetória intelectual, práxis e resistência negra. Salvador: EDUNEB, 2016.

VIEIRA, C.S. Clóvis Moura e a fundação do IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 9, n. 22, p. 349-368, jun. 2017. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/252>. Acesso em: 25 jul. 2017.